

NORDESTE

A Coleção "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olímpio, que Otávio Tarquínio de Sousa dirige, publica um novo livro do professor A. da Silva Melo sobre o "Nordeste Brasileiro". É um livro de estudos e impressões de viagem, com uma grande riqueza de observações e de hipóteses sobre os mais variados problemas, e sobretudo sobre as questões que mais interessam o clínico Silva Melo: alimentação e saúde. Escrito para o grande público, ele deverá, entretanto, ser debatido pelos especialistas. E não duvido que esses debates serão bravos, porque o autor critica muitas noções comumente aceitas como verdades tranqüilas.

Está visto que sendo leigo, e além do mais um viajante bastante distraído, capaz de me interessar ao mesmo tempo por mil e um problemas e de esquecê-los a todos para sonhar diante de uma nuvem, de uma árvore na beira do rio ou de uma cara morena de mulher na janela de um casebre, não estou em situação de discutir nada com o professor Silva Melo — mesmo porque ainda conheço pouco o Nordeste. Mas há um capítulo no livro que me fez procurar na gaveta um velho caderno de notas para conferir minhas observações com a do autor.

Silva Melo se interessa muito pelo problema da cárie dentária. Ele notou que o sertanejo tem, geralmente, bons dentes, o que não acontece com o homem da chamada zona da mata e das cidades maiores — e formula, sobre o assunto, varias hipóteses. O problema é da maior importância, pois não há doença no mundo mais espalhada que a cárie dentária. Agora mesmo no Brasil vai se processar uma experiência altamente interessante, idêntica a outras feitas nos Estados Unidos: o Serviço Especial de Saúde Pública vai tratar com fluor a água da cidade de Baixo Guandu, no Espírito Santo.

Eu queria chamar a atenção do autor para o seguinte fato, documentado pelos médicos do Seps que cuidavam dos homens arrebanhados pela Senta, durante a guerra, para a famosa e tristíssima "Batalha da Borracha". Eu mesmo testemunhei o fato, em vários acampamentos de trabalhadores que segulam para a Amazônia. Os homens que tinham melhores dentes não eram do sertão, mas da zona salineira do Rio Grande do Norte. Vi inúmeros desses caboclos (fáceis aliás de identificar pelo "maxixe", uma espécie de calombo que se forma no ombro esquerdo pelo trabalho de carregar sal) com todos os dentes perfeitos.

Em um acampamento de Sobral colhi a seguinte nota, fornecida pela experiência do dentista encarregado da higiene bucal dos emigrantes: homens da Serra Grande e da zona canavieira — média de 6 a 8 extrações; homens do sertão, 3 a 4 extrações; homens de Mossoró e Areia Branca, zona salineira: 0 a 2 extrações.

Alguns médicos acreditavam que os bons dentes da população daquela zona do Rio Grande do Norte eram devidos à composição do solo e, portanto da água e dos vegetais e animais usados na alimentação. O SEPS chegou a fazer um rápido inquérito sobre o assunto e então se viu que a maior parte da população local não sabe o que é escova de dente nem dentifício. Foi certamente por não ter passado por aquela zona em sua viagem que Silva Melo não notou que os dentes dos sertanejos, que ele tanto admirou, não são tão bons como os dos salineiros. Aqui lhe deixo, e ao futuro ministro da Saúde, a sugestão de estudar com mais vagar esse caso, do qual talvez se possam tirar conclusões úteis.

15/2/53

R. B.